



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS (LÍNGUA PORTUGUESA)**

ERICA ANDRADE SILVA

**O MOVIMENTO DE INTERIORIZAÇÃO/EXTERIORIZAÇÃO DO
IMAGINÁRIO POÉTICO NO "CASTELO DE QUIMERAS", DE MARIANA
SOARES**

**GUARABIRA
2022**

ERICA ANDRADE SILVA

**O MOVIMENTO DE INTERIORIZAÇÃO/EXTERIORIZAÇÃO DO
IMAGINÁRIO POÉTICO NO "CASTELO DE QUIMERAS", DE MARIANA
SOARES**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras.

Área de concentração: Literatura, identidade e alteridade.

Orientador: Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza

**GUARABIRA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586m Silva, Erica Andrade.

O movimento de interiorização/exteriorização do imaginário poético no "Castelo de Quimeras", de Mariana Soares [manuscrito] / Erica Andrade Silva. - 2022.

27 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Imaginário poético. 2. Crônica. 3. Literatura paraibana.
4. Mariana Soares. I. Título

21. ed. CDD B869.3

ERICA ANDRADE SILVA

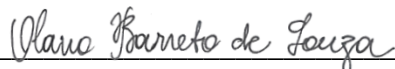
**O MOVIMENTO DE INTERIORIZAÇÃO/EXTERIORIZAÇÃO DO
IMAGINÁRIO POÉTICO NO "CASTELO DE QUIMERAS", DE MARIANA
SOARES**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Área de concentração: Literatura, identidade e alteridade.

Aprovada em: 02/12/2022

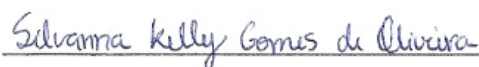
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Andrea de Moraes Costa Buhler
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico esse trabalho a minha mãe, Edileuza Aurea Andrade Silva,
que sempre me inspirou com seu exemplo de perseverança.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ser meu companheiro de todos os dias.

Aos professores que contribuíram com a minha trajetória acadêmica.

A banca avaliadora, que se dispôs a estar comigo nessa fase tão importante da minha vida universitária.

Aos colegas que adquiri ao longo da graduação que acrescentaram grandes experiências em minha vida.

Não poderia deixar de mostrar minha imensa gratidão professor Olavo Barreto de Souza, por seu empenho e dedicação em me orientar nessa pesquisa.

Por fim, sou especialmente grata a minha família, que me auxiliou nessa jornada turbulenta, e me ajudou a atingir meus objetivos. Em especial ao meu filho, que nasceu durante o período mais intenso dos estudos, em meio a uma pandemia, mas foi meu motivo de resistência.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 VIDA E OBRA DE MARIANA SOARES	10
4 CASTELO DE QUIMERAS: MOVIMENTOS DE INTERIORIZAÇÃO/EXTERIORIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO POÉTICO	15
4.1 De onde vem a poesia? De onde vem a fantasia?	15
4.2 As Varandas	16
4.3 Casa	17
4.4 Anjos	18
4.5 Castelo Iluminado	19
4.6 Gato	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22
ANEXO I	23
ANEXO II	27

O MOVIMENTO DE INTERIORIZAÇÃO/EXTERIORIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO POÉTICO NO "CASTELO DE QUIMERAS", DE MARIANA SOARES

Erica Andrade da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho realiza uma interpretação acerca do imaginário poético contido na crônica “Castelo de Quimeras”, que se encontra no livro *Histórias e Mistérios*, da autora paraibana Mariana Soares (2003). A narradora proporciona a relativização da interiorização/exteriorização do imaginário poético, objetivando enfatizar os aspectos gerais, que envolveram as estratégias narrativas adotadas na crônica. Analisamos as relações que podem ser estabelecidas entre uma lembrança cotidiana da personagem-narradora existente na crônica, e, o mundo criado em sua imaginação. Esses dois mundos se fundem em sua memória, de forma em que podemos ver essa dualidade como sendo sua realidade, seus desejos, angústias e esperança. Examinamos então os símbolos contidos no texto, de forma que eles nos mostrem como a interiorização/exteriorização do imaginário poético se faz existente na narrativa e como isso foi desenvolvido pela autora.

Palavras-chave: Imaginário poético. Crônica. Literatura paraibana. Mariana Soares.

ABSTRACT

The present work performs an interpretation about the poetic imaginary contained in the chronicle “Castelo de Quimeras”, which is found in the book *Histórias e Mistérios*, by the author from Paraíba, Mariana Soares (2003). The narrator provides a relativization of the interiorization/exteriorization of the poetic imaginary, aiming to emphasize the general aspects, which involved the narrative strategies adopted in the chronicle. We analyze the relationships that can be established between an everyday memory of the character-narrator existing in the chronicle, and the world created in her imagination. These two worlds merge in your memory, so that we can see this duality as your reality, your desires, anguish and hope. We then examine the symbols contained in the text, so that they show us how the interiorization/exteriorization of the poetic imaginary exists in the narrative and how this was developed by the author.

Keywords: Poetic imaginary. Chronic. Paraíba Literature. Mariana Soares.

¹ Graduanda em Letras – língua portuguesa – pela Universidade Estadual da Paraíba (Campus III). E-mail: erica.silva@aluno.uepb.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2022, tornamo-nos cientes da ausência de leituras literárias – com caráter crítico – das obras de Mariana Soares no âmbito da Universidade Estadual da Paraíba, onde ela foi professora titular de Literatura Brasileira até o dia de sua morte, no ano de 2010. O Repositório Institucional desta instituição, que reúne os trabalhos de conclusão de curso, para os termos homônimos ao nome da autora não indicam publicações que figuram leituras críticas de sua produção literária². Com isso, constatamos o pouco conhecimento tanto por parte dos professores, quando por parte dos alunos, sobre suas publicações que muito têm a oferecer ao meio acadêmico. A partir disso, selecionamos a crônica “Castelo de Quimeras”, contida na coletânea *Histórias e mistérios*, publicada no ano de 2003 pela autora, para começarmos a projetar um estudo e introduzir a autora no campo acadêmico.

É notável que, a crônica, apesar de ser um texto curto, tem muito a nos oferecer em caminhos de significação, tal como pode ser constatado no material literário aqui investigado. Inicialmente, a pesquisa supracitada abarcaria uma pequena compilação de crônicas publicadas no livro *Histórias e Mistérios*. Mas, por meio de avaliações internas, verificamos que a crônica de introdução traz um potencial considerável na configuração do projeto de escrita obra que enfatiza, sobretudo, o desfiar das memórias, numa relação com temporalidades/espacialidades diversas, efetuado a partir de um fluxo criativo que nos introduz no “mundo fantasia” de Mariana Soares e no seu cotidiano vivaz. Levando em conta suas diversas arestas acerca do imaginário poético que virá a ser a representação de seus maiores sentimentos e desejos em momentos nostálgicos, com um leve toque de sinestesia, que fará com que voltemos aos tempos de meninice junto à personagem-narradora.

A atitude investigava que orienta nossa pesquisa, leva em consideração a seguinte problemática: como a interpretação dos símbolos presentes na crônica “Castelo de quimeras” refletem o movimento de interiorização/exteriorização do imaginário poético, de forma a descobrir como se desenvolveu tal movimentação? A leitura deste material literário nos suscitou várias ponderações que enfatizam, no corpo de nossa crítica, os elementos singulares da poética da autora em estudo. Diante disso, nossos encaminhamentos críticos evidenciaram que devido a essa ação de fabular, contida na crônica, a narradora-personagem fomenta, através da imaginação, um movimento de dualidade. Por tanto, a fim de elucidar nosso caminho interpretativo, temos como objetivo geral investigar como se efetua o movimento de

² Pesquisa realizada em 10 de novembro de 2022, por ocasião desta pesquisa. *Link:* <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/simple-search?query=mariana+soares>.

interiorização/exteriorização do imaginário poético na crônica apresentada por Mariana Soares, na obra *Histórias e Mistérios*. Como objetivos específicos, nosso caminho de leitura considera, primeiramente, evidenciar os símbolos presentes na crônica, de modo a entendermos suas implicações na construção textual; elucidar a representação desses símbolos na vida da personagem-narradora; e, por fim, interpretar, tendo em vista o estrato semântico suscitado pela materialidade do texto, os símbolos nele contido a fim de explicitar como o nosso problema de pesquisa pode ser respondido.

Os autores utilizados em nossa pesquisa, com os quais dialogamos foram: Candido (2005), que trata das características composicionais da crônica; Rey (2004), também trata aspectos composicionais da crônica; Laplatine (2017), trata aspectos teóricos sobre o imaginário; Chevalier e Gheerbrant (2001), trata aspectos simbólicos; Faitanin (2010), explica questões hierárquicas acerca dos anjos citados ao longo da análise dos símbolos; Nyanatiloka (1970), trata, ainda, questões celestiais; Bettelheim (2002), trata aspectos teóricos sobre contos de fadas acerca da análise dos símbolos; Bueno (1988) apresenta fatos contidos em seu dicionário de língua portuguesa; Lexicon (2002), trata aspectos simbólicos.

Nosso trabalho, em termos de organização, se estrutura em cinco partes. Na primeira, apresentamos a introdução, no qual evidenciamos as motivações para a construção de nossa pesquisa, nossa problemática e objetivos. Seguimos, na segunda parte, com informações sobre a vida e a obra de Mariana Soares com intuito de introduzir o leitor ao reconhecimento das ações de criação realizadas pela autora nas suas publicações, bem como informar aspectos de sua vida pessoal. Na terceira parte discutimos, do ponto de vista teórico a definição de crônica, de linguagem simbólica, bem como outros elementos que perfazem nossa investigação. Na quarta, apresentamos nossas ponderações de leitura estruturada em tópicos que evidenciam símbolos do texto, efetuando crítica à trechos selecionados da crônica. Por fim, nas considerações finais, arrematamos nosso caminho de leitura suscitando como a autora desenvolveu o movimento de interiorização/exteriorização no exemplar analisado, bem como reiteramos a necessidade de investigações que ampliem a fortuna crítica da autora.

2 VIDA E OBRA DE MARIANA SOARES

Mariana Cantalice Soares nasceu em João Pessoa, capital paraibana, no dia 04 de julho de 1947. Filha de Maria Carmem Cantalice Soares e de João Soares, prestigiado médico pediatra. Estudou em João Pessoa, no colégio Nossa Senhora de Lourdes, do jardim de infância ao curso pedagógico; foi graduada em Vernáculo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) onde, também, fez o curso de Mestrado em Literatura Brasileira, dissertando

sobre a obra de José Lins do Rego. Foi professora titular de Literatura Brasileira, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus III, até o fim de sua vida.

Mariana se aventurou no mundo das artes, além de lecionar e escrever, dedicou-se à pintura e à música, gostando também de organizar eventos culturais. Segundo o site da Academia Paraibana de Letras³, durante muito tempo, manteve uma coluna no Jornal *O Momento*, intitulada “A palavra e o instante”. Pertenceu aos quadros da Academia Feminina de Cultura, da Academia Paraibana de Poesia e, foi também, a terceira sucessora da cadeira de n.º 23 da Academia Paraibana de Letras. Participava, com frequência, de seminários, congressos e palestras sobre autores brasileiros, e, principalmente, paraibanos. A autora faleceu no dia 18 de janeiro de 2010, aos 61 anos de idade, em um grave acidente de carro⁴ na cidade do Conde, onde residia.

A bibliografia de Mariana Soares transita por vários caminhos literários, como professora e pesquisadora escreveu livros didáticos, crônicas, artigos, ensaios, reflexões, explorando um vasto leque de gêneros. Sua obra se apresenta com os seguintes títulos.

Quadro: Obras de Mariana Soares por ordem cronológica

1985	Juarez da Gama Batista: sua vida, seus mistérios, sua obra
1986	Vida, vida – reflexões
1987	O ontológico na obra de José Lins do Rego
1989	Literatura brasileira: uma abordagem prática
1994	Parahyba: segredos e revelações
2000	Terceiro milênio – discursos ao amanhecer
2002	Vozes da solidão
2003	Histórias e mistérios
2004	João Soares: a medicina como sacerdócio
2006	Clamores do silêncio
2009	Cenários, personagens e confissões
s.d.	Crônicas do entardecer
s.d.	Encantos e desencantos
s.d.	José Lins do Rego: ícone da literatura paraibana
s.d.	Vozes do silêncio
s.d.	Memórias

Fonte: arquivo da Academia Paraibana de Letras

Como nossa pesquisa possui um caráter mais específico de leitura, e em face da dificuldade de acesso às publicações supramencionadas, não tivemos como apresentar

³ <https://novo.aplpb.com.br/academia/academicos/cadeiras-21-a-30/484-n-23-3-sucessor-mariana-cantalice-soares>. Acessado em: 10 nov. 2022.

⁴ https://jornaldaparaiba.com.br/noticias/vida_urbana/2010/01/18/integrante-da-academia-paraibana-de-lettras-morre-em-acidente. Acessado em: 10 nov. 2022.

resenhas acerca dos livros publicados pela autora. Porém, essa listagem serve de orientação para futuras pesquisas que versem sobre o projeto literário/ensaístico de Mariana Soares.

A crônica aqui estudada é advinda de uma coletânea de contos e crônicas, intitulada *Histórias e Mistérios*, que contém memórias da autora Mariana Soares. As narrativas apresentadas no livro configuram-se como recordações da autora, contendo belas recordações cotidianas de uma narradora-personagem com muita experiência de vida, podendo assemelhar-se a uma autobiografia. A capa da obra contém pintura a óleo feita pela própria autora⁵, o que traz um ideal multiartístico em sua produção.

A crônica “Castelo de Quimeras” possui uma narradora em primeira pessoa, que nos leva em uma viagem nostálgica a suas veias da infância. Ela nos apresenta sua casa, lar dos seus amados familiares e de seu mundo impenetrável. Nos são apresentados também as suas varandas – lar de seus devaneios- e é de lá que ela costuma sonhar. As varandas são voltadas uma para dentro de casa e a outra para fora, de forma que, a personagem conseguia ficar observando o cotidiano de seus entes queridos dentro da residência e a rua/outras casas ao lado de fora. Os relatos que nos são passados de seus tempos de menina, nos transmite as imagens de seu mundo particular, onde a realidade se funde com a fantasia e seres fantásticos passam a existir embaixo do abacateiro, cercado desse imaginário poético comentado já outras vezes nesta pesquisa.

3 ASPECTOS TEÓRICOS DA CRÔNICA E DO IMAGINÁRIO POÉTICO

As origens do gênero crônica como conhecemos hoje são dadas a partir do século XIX, com o desenvolvimento da imprensa no Brasil. Nomes como José de Alencar, Raul Pompéia e Machado de Assis publicavam folhetins – capítulos de romances, bem parecidos com as novelas – e crônicas, que eram pequenos ensaios críticos sobre temas políticos e acerca do cenário social brasileiro na época. Os folhetins vinham com uma proposta de entreter/divertir os leitores, em contraponto as crônicas tinham um papel de informar o leitor sobre temas mais sérios, envolvendo aspectos sociopolíticos de interesse comum.

No entanto, ao longo dos anos, a crônica foi perdendo esse ar mais fechado, em sua abordagem crítica, e adquire em seu caráter criativo o manejo de escritura que envolve fatos das pequenas belezas do cotidiano. Tendo essa característica de texto efêmero, sem pretensão alguma de se prolongar – sem começo e sem fim, sem responsabilidade alguma com estrutura composicional fixa – sendo escrito sempre em primeira pessoa, contendo certa simplicidade

⁵ No Anexo II deste trabalho apresentamos reprodução fac-similar da capa e contracapa da referida obra.

na linguagem e podendo até ser comparado a algo sem muita importância. Diante das considerações supramencionadas, seguimos com um trecho de Antônio Candido em “A vida ao rés do chão”, publicado junto à obra *Para gostar de ler, vol. 01*, no ano de 2005, que nos mostra um pouco de como é visto esse gênero pelo crítico literário:

A crônica não é um "gênero maior". Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

"Graças a Deus", - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. (CANDIDO, 2005, p. 13).

Por ser considerado um gênero sem muita pretensão com regularidades estritas do ponto de vista criativo, não ganhou as graças mundo a fora, podendo já ser declarado algo todo nosso – todo brasileiro: “Graças a Deus”, como diz Antônio Candido. Entretanto, não podemos nos enganar quando alguns leitores, em face da maleabilidade do gênero, dizem ser um texto sem muita importância, visto que, apesar da simplicidade e descontração, na maioria das vezes, a crônica nos entrega alguma crítica social ou grande profundidade de reflexão acerca de momentos cotidianos que passam despercebidos.

Como há na crônica “O que é mesmo uma crônica?” do livro *O coração roubado*, do autor Marcos Rey: “Se faltar uma definição a crônica, tente definir o cronista” (REY, 2004, p. 11), pois o cronista escreve sobre a sua realidade e informa como vê o mundo. E como gênero considerado híbrido, devido a sua ambiguidade de ora parecer um conto e ora parecer poesia, mantém a possibilidade de se tirar algo duradouro de um momento passageiro.

Contudo, no texto de Mariana Soares, trabalhado nesta pesquisa, fica evidente as características da simplicidade equivalente a uma crônica. Suas passagens melódicas e poéticas, nos confortam com uma naturalidade que já nos foi vivida antes – como o passar a tarde com os familiares na casa de infância, sentindo o cheiro do sabão em pó, ao mesmo tempo em que nos evidencia a profundidade do seu ser. E, para finalizar, usando as palavras de Antônio Candido sobre as crônicas: “ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural” (CANDIDO, 2005, p. 13).

3.1 O imaginário e os símbolos

O imaginário pode ser considerado uma manifestação do nosso inconsciente quanto aos nossos desejos, sentimentos, experiência e conhecimento prévio em geral. Pois, a imagem projetada quando criamos algo em nossas mentes é fortemente influenciada pelo ambiente em

que vivemos e sobre aquilo que conhecemos. O meio social forma quem somos, junto aos frutos que vamos colhendo ao longo dos anos, seja quando iniciamos uma nova leitura, aprendemos uma nova língua ou visitamos uma nova cultura.

O meio cultural em que o ser humano vive interfere diretamente em sua imaginação, devido as multiplicidades de manifestações simbólicas ao redor do mundo. Quando tratamos de símbolos, nos referimos a algo com um valor agregado, o símbolo tem esse poder de representar algo. Como é o caso das vacas, que no Brasil servem como forma de produzir alimento, podendo ele ser as refeições preparadas com derivados ou a sua própria carne; o que difere em muito da Índia, que tem na vaca um animal sagrado. Apesar de inusitado, o exemplo citado anteriormente nos dá um parecer sobre o que estamos abordando, visto que, os símbolos e o imaginário necessitam de fenômenos sociais para existir, e então os dois se interligam, como nos é apresentado na citação a seguir:

Os símbolos dão o que falar, escreve Paul Ricoeur, à medida que neles existem os mesmos sentidos que os homens irão redescobrir. Sendo o inconsciente depositário dos significados, cabe aos homens a descoberta de sua revelação através das formas em que essas imagens se expressam e se manifestam. Toda imagem é, portanto, uma epifania, uma manifestação do sagrado. Conseqüentemente, toda e qualquer imagem, ao mesmo tempo produto e produtora do imaginário, passa a ter o caráter de sagrado, devido à sua universalidade e à sua emergência do inconsciente. (LAPLATINE; TRINDADE, 2017, p. 05)

Com isso, nos é notável como é preciso o uso da interpretação para entender as palavras do próximo, porque, assim como Mariana Soares, outros autores e pessoas cotidianas utilizam de imagens simbólicas para nos mostrar sua realidade, ou ideal, através da escrita e da fala.

Mariana Soares na crônica “Castelo de Quimeras” do livro *Histórias e mistérios* (2003), nos apresenta os maiores desejos, anseios e saudades de uma personagem-narradora, através de um movimento de interiorização e exteriorização, utilizando um imaginário poético particular; que nos fora introduzido de forma fantástica, utilizando artefatos infantis para representar uma infância saudosa e cheia de pequenas alegrias, e, seres celestiais que representa sua espiritualidade ambígua.

A interpretação dos símbolos utilizando além da análise, alguns materiais teóricos, possibilitará um maior entendimento dos dizeres da personagem, nos ajudando a entender suas nuances e chegar à resposta de nossa pergunta inicial.

4 CASTELO DE QUIMERAS: MOVIMENTOS DE INTERIORIZAÇÃO/EXTERIORIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO POÉTICO

4.1 De onde vem a poesia? De onde vem a fantasia?

A realidade retratada com olhos aventureiros e grande imaginação, nos remetendo aos tempos de infância, onde tudo era mágico e criaturas existiam escondidas por aí, é o que pode ser encontrado na proposta literária aqui investiga. Desse modo, somos introduzidos ao mundo da personagem-narradora da crônica “Castelo de quimeras”.

Para a personagem citada, enquanto nos conta suas memórias, dois mundos se fundem. O aspecto narrativo desenvolvido apresenta aquilo que entendemos ser o real e o outro que mais parece um conto de fadas. Há sempre conflito entre esses dois mundos, um em que o tempo não perdoa e o outro em que o tempo não existe. O mundo da realidade é duro e sempre cheio de fases, boas e ruins. Mas o mundo mágico, não. Lá existem criaturas feéricas, um príncipe, sonhos e a casa da infância.

Os devaneios são a essência da crônica. Nos é mostrado as marcas da passagem dos anos, no entanto, sempre com muita esperança e resiliência. Persistir é preciso. Nota-se que a autora utiliza da fantasia para retratar uma questão interna e emocional, enquanto entra em conflito com as coisas difíceis da vida, é possível ver que isso a mantém positiva. A realização de engenho com a linguagem literária, admite a utilização de símbolos místicos e celestiais – até os reais – que têm certa representatividade no texto, refletem conflito externo e interno. Então fica fácil notar uma movimentação interior/exterior ao longo da leitura.

Não obstante, foram coletadas figuras que expressam a dinâmica de dualidade apresentada nesta pesquisa. Como é o caso das varandas, casa, anjos, personagens saídos de contos de fadas e do gato. Todos eles trazem essa duplicidade – dois mundos, dois lugares –, seja em ligação direta com a personagem, ou representando seus sentimentos, conexões e crenças a partir da simbologia de cada um. No entanto, embora não sendo citados, existem outros símbolos que poderiam ser considerados como representativos para a personagem, como sua família representando aconchego e as aves como um pedido de liberdade. Porém, eles não entram na análise por não configurarem de modo pleno a estrutura significativa da obra analisada, uma vez que, os símbolos selecionados formalizam o discurso mítico-literário da imaginação poética da autora na crônica.

Com isso, serão apresentadas a seguir, as figuras escolhidas como forma de representar o imaginário poético de Mariana Soares e seu movimento de interiorização/exteriorização.

4.2 As Varandas

A varanda é um lugar que faz parte da casa, mas fica na parte externa, permitindo que a mesma receba e perceba tudo que vem de fora. Ela é um entre-lugar. Dela se sabe tudo que acontece dentro e fora da casa. Lá era o lugar preferido da personagem, de onde ela podia olhar tudo, todos e sonhar. No casarão presente na crônica, não havia apenas uma varanda, mas sim duas: uma com vista para a rua e outra com vista para o jardim dentro da propriedade. E pela primeira vez nos é apresentado esse movimento de interior e exterior.

Nessas varandas eram onde aconteciam os devaneios da personagem durante o texto, a qual ela mantém a ideia de que sempre estarão dentro dela. Esse símbolo que remete ao ideário de passagem, de entre-lugar, é figurado como uma espécie de “mirante” pela narradora. No trecho abaixo a voz da crônica apresenta, de modo poético, como o símbolo aqui remetido é descrito.

‘Minhas varandas’ – se assim as posso chamar – eram ‘portos seguros’ de chegada e de saída para meus devaneios e quimeras; espécies de ‘mirantes’ que mais me aproximavam entre o céu azul ou das grandes gotas de chuva, enchendo as biqueiras da casa-térrea, caindo em profusão, sem intervalos. (SOARES, 2003, p. 21)

Nesse trecho podemos ver as varandas como uma espécie de limbo, que fica entre o céu e a terra. O limbo está no meio, não é céu e nem é inferno, é um entre-lugar. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2001) o limbo é apenas a antessala do paraíso. O céu azul, as gotas de chuva e potência da água são elementos que traduzem a representação poético-imaginária da narradora. Mira-se o que lhe é substancial, o que lhe coloca em estado reflexivo. Na ação de olhar o céu, e a chuva que dele cai, encontramos, tal como na imagem simbólica da varanda, o movimento de exteriorização/interiorização: olhar para cima – e vislumbrar o céu – ao mesmo tempo – olhar para baixo – e verificar a água pluvial.

O movimento percebido aqui é algo também motivado pela localização imagética das varandas, na qual uma está para dentro de casa – direcionada ao jardim; e outra, para a rua. Novamente esse movimento se confirma – um exterior que favorece um olhar curioso; um interior que demonstra a profundidade do imaginário; a realidade e o que promove o quimérico. Como nos é possível observar no trecho a seguir:

As ‘varandas’ eram como ‘refúgios’ secretos, que acreditava compartilharem dos meus pensamentos. Da que ficava de frente para a avenida, descortinava-se o cenário do *Parque Solon de Lucena*, tendo, em local destacado, com palmeiras imperiais, a conhecida *Lagoa*.

...

Na outra varanda localizada no sobrado, apoiava-me, para melhor desfrutar a visão do quintal, com grande horta cuidada por meu pai. (SOARES, 2003, p 19).

A presença da duplicidade que encaminha o movimento de interiorização/exteriorização se faz com a presentificação locativa das varandas. Estando para o interior da casa, firmam o olhar para o que lhe é externo; bem como pode favorecer um olhar para o que lhe é interno – avenida e horta. De modo análogo, o aspecto da interioridade se liga ao fator familiar, a horta paterna – fator de subsistência alimentar; e a exterioridade, para a avenida, figura um alheio que é próximo, múltiplo e de movimentação diferente do que está dentro da casa.

No tópico seguinte abordaremos a simbologia da casa que, de forma similar a varanda, figura como um símbolo de conexão da personagem com suas antigas lembranças e traz consigo uma atitude de resiliência, esperança e identificação.

4.3 Casa

A casa é uma das peças-chave em toda a crônica. Existe grande ligação da personagem com a sua morada de infância. Lá, é onde ela viveu seu tempo de mocidade. As lembranças são incontáveis: de sua família, dos animais de estimação e das coisas cotidianas. A ligação da personagem com a casa é notável durante o texto. É possível notar até mesmo uma voz poética, como se as duas se fundissem – a casa e a personagem aqui focalizados – principalmente quando se vê o tempo passar. O fragmento abaixo segue as considerações apresentadas.

O sobrado continuou de pé, embora os espinhos, misturados às folhas secas, urtigas, tenham invadido o jardim, sim, aquele ‘jardim-antigo’, cultivado por minha mãe, cheio de rosas perfumadas, crótons multicoloridos, florzinhas do campo, arbustos, fícus e grama verdíssima. A casa-térrea, mesmo sem pétalas de rosas, o sobrado, mesmo coberto de lodo e rachaduras, resistiam (apesar de tudo), à passagem dos anos... (SOARES, 2003, p. 22)

A casa entra em tom de resistência, assim como a narradora, os anos vão se passando e a casa resiste. Não se sabe a quem foi vendida a residência, mas ela está de pé. A voz da crônica mostra suas fraquezas como que em uma poesia em conjunto à sua antiga morada. O discurso lírico percebido no trecho trata da casa, porém, também pode referir-se à voz poética do texto. A residência figura uma personificação: acolhe a todos que ama e as guarda. É lá onde fica o seu porto seguro, seus devaneios e seus entes queridos que já se foram, é o “castelo iluminado” dos contos de fadas. É a idealização de outros tempos, onde a realidade era para sonhos e não para resistência.

Saindo do universo da casa, adentramos ao dos anjos. Que, com significativa responsabilidade, representa o mundo espiritual da personagem. Suas cresças nos são mostradas através desses seres celestiais que serão evidenciados no próximo tópico.

4.4 Anjos

Os anjos são seres que, quando descritos, aparecem com iluminação própria, vestindo longas túnicas e grande beleza. Trazem consigo muita sabedoria e recebem diversos propósitos. De acordo com São Tomás de Aquino, os anjos são diversos – podendo até ser mais numerosos que os seres humanos – e com características variadas. Costumam ser únicos, cada um com a sua própria aparência e dever designado. Eles são divididos em categorias, que seriam as ordens, uma espécie de hierarquia.

Na crônica que estamos estudando, algumas dessas criaturas celestiais se mostram presentes, sendo elas: os anjos da guarda, os querubins e os serafins – claro, sem esquecer de Deus, que também se faz presente na leitura. O anjo da guarda exerce sua função de protetor com a personagem-narradora, é o que podemos observar no trecho: “Ao subir a estreita escada condutora, sentia a presença do meu anjo da guarda. Acompanhada por uma criatura celestial, nada podia temer, no silêncio daquela extensão de minha residência paraibana. Havia um quê de mistério, ali.” (SOARES, 2003, p. 19).

A passagem nos remete a espiritualidade aguçada dela, que em um rompante poético nos mostra suas crenças em seres celestes. Isso se repete quando embaixo do abacateiro, no jardim se sua casa, ela descreve, como que um bosque encantado. E junto as criaturas mágicas temos mais uma vez entidades espirituais (anjos, querubins, serafins e devas), como é nítido no próximo seguimento:

Paralelo ao meu refúgio, havia um abacateiro, cujos galhos frondosos quase me alcançavam, com seres habitantes da natureza, como anjos, querubins, serafins, devas, duendes, gnomos, elfos, unindo-se aos pássaros que alegravam o meu tempo-menina. (SOARES, 2003, p.19)

Três desses seres já foram nos apresentados em suas funções na passagem acima escrita por Faitanin (2010). Mas uma delas não vem da fé cristã, como as outras, que seriam as devas. Estes são seres espirituais vindos do budismo; e representam, segundo Nyanatiloka (1970, n.p.), “Seres Celestiais, deidades, celestiais: são seres que moram nos mundos felizes, e que, como regra, são invisíveis aos olhos humanos”. Confirmando novamente a amostra de

espiritualidade da personagem-narradora, mas nos informando que sua fé é diversa, não se resumindo apenas ao cristianismo.

Passando pelas classes dos anjos e suas representações espirituais na vida da personagem-narradora, chegamos à categoria do “Castelo Iluminado”, que representa o outro lado do misticismo presente ao texto, sendo esse os contos de fadas. Esse tópico em questão traz grande representação do interior da personagem, visto que são reflexos de seus desejos, sentimentos e experiência – mesmo que inconscientemente.

4.5 Castelo Iluminado

Os contos de fadas são grande parte da nossa infância. Na primeira infância, eles podem ocupar grande espaço nos nossos sonhos, nossas brincadeiras e desejos para o futuro. Segundo Bruno Bettelheim (2002), os contos de fadas podem moldar quem somos, por ser algo presente, principalmente, em nossa primeira infância, acaba por nos moldar. O autor referido traz em seu livro *A Psicanálise dos contos de fadas* em uma breve passagem, afirmação feita por Charles Dickens: "Chapeuzinho Vermelho foi meu primeiro amor. Senti que se eu pudesse ter casado com Chapeuzinho Vermelho teria conhecido a perfeita bem-aventurança." (DICKENS apud BETTELHEIN, 2002, p. 22). Com isso, o teórico nos diz, de modo exemplar, como esses contos acometem de forma impactante na vida desse grande escritor, como possivelmente deve ser na vida das milhares de crianças que leem todos os dias.

Na crônica “Castelo de quimeras” o mundo dos contos de fadas se mostra presente de diversas formas e em algumas passagens, como “anjos, querubins, serafins, devas, duendes, gnomos, elfos, unindo-se aos pássaros que alegravam o meu tempo-menina.” (SOARES, 2003, p.19). A presente citação, referendada aqui anteriormente, traz consigo, além das categorias dos anjos, criaturas mágicas que são grandes acréscimos ao imaginário poético de Mariana Soares. A personagem-narradora em uma tonalidade poética nos introduz ao seu jardim mágico, onde ela pode se encantar, sempre em conexão com seu “tempo-menina”, onde tudo era simples.

Tudo isso faz grande conexão com o otimismo e juventude da personagem. Sua ligação aos contos de fada se perpetua na fase adulta onde ela almeja um homem, como um príncipe encantado que virá salvá-la de toda angústia e compreendê-la em sua intimidade. Isso nos é mostrado no trecho abaixo:

As varandas ficavam, através da minha imaginação, em iluminado castelo, onde eu poderia ser encontrada por um homem verdadeiro, assim, com “H” maiúsculo, que preenchesse meus sonhos, escutasse minhas histórias, entendesse meus anseios, minha sensibilidade, meu romantismo, minha inclinação artística, Só que nem sempre as coisas acontecem da maneira sonhada, durante a infância e a puberdade. (SOARES, 2003, p. 21-22).

Neste momento, somos apresentados à imagem do príncipe encantado presente nos contos de fada. O “homem com H maiúsculo” que irá salvá-la e fazer com que a necessidade de viver em seu castelo brilhante, que é a sua imaginação, não seja constante. Mas como nos é notado, esse desejo não é concreto e chega a ser comparado com uma frustração jovial da adolescência. Que junto as decepções da vida, mostram como os contos de fada são utilizadas, com palavras adornadas poeticamente, pela personagem, para lembrar tempos melhores e idealizar aquilo que há de mais desejável por todos os seres humanos: o amor, a completude, a compreensão. Esses seres criados, por ela, num ímpeto de engenho poético, oferece a positividade do querer e a realidade do ser.

O que nos leva a pensar também, sobre a semelhança com os contos de faladas pertencentes aos livros infantis. Pois, quase que cronologicamente, a morte do rei marca uma passagem de tempo que parece não ter sido favorável a personagem, já que é constante a necessidade de voltar às origens – as varandas – para se sentir melhor. Após a morte do rei, o castelo começa a ruir, a casa começa a envelhecer, os telhados a cair, as plantas tomarem conta. E só então, com a chegada do “príncipe encantado”, tudo irá melhorar.

Já no tópico que está a vir no parágrafo seguinte, somos introduzidos a dualidade do gato, que se faz parte considerável em nossa análise, por suas diversas nuances e significados em múltiplas culturas, e fator significativo na construção literária realizada pela autora na crônica em análise.

4.6 Gato

Segundo o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, de Francisco da Silveira Bueno (1988, p. 526) o gato é “um animal doméstico, pertencente à família dos Felídeos [...] (Folc. Símbolo da agilidade, da astúcia e da falsidade; por ser mais afeiçoado à casa do que ao dono [...]).” E para nós, traz grandes representações místicas. No senso comum, há compreensão de que o gato preto transmite infortúnios para quem o vê, elemento provindo, segundo Lexicon (2002), da tradição medieval de atribuir gatos pretos à animais domesticados pelas bruxas; ou que traz que o gato anda entre dois mundos – o real e o da espiritualidade. Mitos espalhados pelo mundo. Para alguns povos são seres venerados, como é o caso do antigo Egito e da Índia,

onde existem estatuas do animal. No *Dicionário de Símbolos*, de Chevarlier e Gheerbrant (2001, p. 461-462), “O simbolismo do gato é muito heterogêneo, pois oscila entre as tendências benéficas e as malélicas, o que se pode explicar pela atitude a um só tempo terna e dissimulado do animal.”. Seguimos com a citação da crônica e a explicação logo após:

Em nossa casa, cachorro e gato sempre viveram pacificamente, inclusive, respeitando a privacidade um do outro... O felino tinha sempre por nome “ Pitote” e, durante o dia, após o almoço, costumava estirar-se, para a sesta, no coradouro, onde as roupas limpas eram colocadas por uma lavadeira. Encontrando este ocupado, ele saía, miando, dengosamente – como é peculiar aos gatos.
(SOARES, 2003, p.20)

A imagem do gato, como podemos notar no trecho acima, é introduzida logo em contraste com o cachorro – é de conhecimento popular a desarmonia na convivência desses dois animais – mas ambos vivem pacificamente. No entanto, ao longo do percurso da narrativa dar-se-á continuidade apenas aos hábitos do felino, que costuma fazer uma “sesta” após o almoço. E nos chama a atenção o fato desse símbolo aparecer antecedendo um momento marcante de tensão para a personagem-narradora, a descoberta de uma escoliose vertebral. O que por conseguinte, nos abre as portas para a possibilidade do personagem “de nome pitote” simbolizar um mau presságio para o que viria a acontecer ao decorrer da trama. Já que durante a idade média, segundo Machado e Paixão (2014), os gatos receberam a fama, advinda do cristianismo, de serem malélicos e trazem má sorte. Era de costume dizer que esses animais acompanhavam as bruxas (em especial os gatos pretos).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do nosso trabalho buscamos refletir sobre como o imaginário poético de Mariana Sorares desenvolve o movimento de interiorização e exteriorização traduzido na linguagem simbólica apresentada pelas figuras que permeiam a construção literária da autora na crônica “Castelo das Quimeras”. Para tanto, nos portamos da análise crítica dos seguintes elementos que formalizam a configuração diegética do movimento acima citado, a saber: as varandas, a casa, os anjos, o castelo iluminado (a representação dos elementos de contos de fadas que aparecem na crônica) e o gato.

Ao lermos a crônica, somos introduzidos às memórias de uma positiva e nostálgica personagem-narradora (é característico das crônicas uma narração em primeira pessoa), que proporciona um cenário poético proveniente de sua imaginação. E tendo o conhecimento disso, foram observados os parâmetros da crônica e deparamo-nos com os símbolos aqui já

aludidos. Eles são figuras, que quando feita uma pesquisa um pouco mais aprofundada, repetem o mesmo movimento de dualidade, seja ele em sua significação, em duplo sentido, ou dupla existência, podendo existir em dois lugares diferentes (Ex.: O Céu e a Terra). Com isso, é evidente a repetição do número dois advinda das imagens aqui citadas, que, de certa forma, representa os dois mundos comentados pela autora na crônica, o mundo dos sonhos – que seria a casa de infância onde ela sempre pode voltar até a varanda e ter seus devaneios – e a realidade.

A relevância de pesquisas que tenham como propósito investigar a obras de autoras paraibanas tornam-se necessárias em face, inclusive, por abordagem projetos de escrita que não comparecem de modo pleno na produção da crítica e da historiografia literária brasileira, para além das autorias hegemônicas. Esta necessidade motiva a configuração de ações crítica de leitura para suprir a escassez de trabalhos científicos abordando a produção literária de Mariana Soares no âmbito universitário.

Acreditamos que esse artigo possa abrir possibilidades futuras para pesquisas mais amplas acerca da escritora e sua riqueza literária, e, possa ser conhecida também, no âmbito acadêmico de outras universidades por todo o país. Também temos consciência de que o tema do presente artigo não está encerrado, pelo contrário, ele serve como instrumento de continuidade em outros graus de pesquisas vindouras.

Nossa investigação pontua-se – tendo em vista o saldo de nossa presença na fortuna crítica acerca da obra de Mariana Soares – como uma espécie de homenagem a essa educadora e pesquisadora, que lecionou nesta instituição por mais de 20 anos, dedicando-se ao ato de ensinar, assim como se dedicou ao mundo das Artes até seus últimos dias. Sobretudo, a presença desta autora como professora da UEPB, sendo ainda, imortal da Academia Paraibana de Letras, chancela a ação aqui realizada porque esta autoria está dotada de elementos que essas duas instituições do saber delegam.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. 11^a ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura: Fundação Nacional do Material Escolar, 1982.

CANDIDO, A vida ao rés do chão (prefácio). *In*: ANDRANDE, Carlos Drummond *et al.* **Para gostar de ler: crônicas**. Vol. 1. 27^a Ed. São Paulo: Ática, 2005.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 16^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

FAITANIN, Paulo. **A ordem dos anjos, segundo Tomás de Aquino**. Pernambuco: Universidade Católica de Pernambuco, 2010.

LAPLATINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

LEXICON, Helder. **Dicionário de símbolos**. Tradução Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 2002.

MACHADO, Juliana Clemente; PAIXÃO, Rita Leal. A representação do gato doméstico em diferentes contextos socioculturais e as conexões com a ética animal. **R. Inter. Interdisc. INTERthesis**, Florianópolis, v.11, n.1, p.231-253, Jan./Jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2014v11n1p231>. Acesso em: 05 dez. 2022.

NYAMATOLOKA. **Dicionário budista**: manual de termos budistas e doutrinários. Tradução Teresa Kerr. São Paulo: Casa Dharma, 1970.

REY, Marcos. **O coração roubado**. 4ª ed. São Paulo: Global Editora, 2004.

SOARES, Mariana. **Histórias e mistérios**. João Pessoa: Micrográfica, 2003.

ANEXO I

Castelo de Quimeras

(Mariana Soares)

Criei um ‘mundo’ em que só eu conseguia penetrar, na minha casa da avenida Almirante Barroso, em João Pessoa. No sobrado verde, que ficava no quintal, havia duas varandas, onde me apoiava para sonhar, contemplar paisagens, acompanhar o desenho das nuvens, escutar o vento e experimentar outros encantos. Ao subir a estreita escada condutora, sentia a presença do meu anjo-da-guarda. Acompanhada por uma criatura celestial, nada podia temer, no silêncio daquela extensão de minha residência paraibana. Havia um quê de mistério, ali.

As ‘varandas’ eram como ‘refúgios’ secretos, que acreditava compartilharem dos meus pensamentos. Da que ficava de frente para a avenida, descortinava-se o cenário do Parque Solon de Lucena, tendo, em local destacado, com palmeiras imperiais, a conhecida Lagoa. No terraço mais utilizado lá de casa, minha avó materna passava as manhãs e tardes tricotando, com aquelas imensas agulhas, lembrando uma pintura de ‘contos de fadas’. Só de pensar que, um dia, poderia ficar privada de sua companhia, lágrimas vinham aos meus olhos. “Vovó! Vovó!”, costumava chamá-la, num bem querer sem limites. Ela me olhava candidamente. Também apreciava ver meu pai, chegando, com o jeitão descontraído, paletó aberto, um andar todo seu, portando a maleta de médico, numa das mãos. Gostava de ver

minha mãe, com avental e luvas, entrando e saindo do interior da casa, trazendo adubos para as plantações do jardim, situado próximo ao desenhado portão de entrada. Paralelo ao meu refúgio, havia um abacateiro, cujos galhos frondosos quase me alcançavam, com seres habitantes da natureza, como anjos, querubins, serafins, devas, duendes, gnomos, elfos, unindo-se aos pássaros que alegravam o meu tempo-menina. Era época de acreditar no amanhã – um vir-a-ser risonho. Na outra varanda localizada no sobrado, apoiava-me, para melhor desfrutar a visão do quintal, com grande horta cuidada por meu pai. Observava os telhados avermelhados de outras residências, onde os pombos costumavam pousar, em bando. Nas casas, havia, geralmente, um galinheiro e grandes viveiros. Podia me deleitar com a linguagem variada dos galos, galinhas, patos, gansos, marrecos, papagaios, maracanãs, jandaias, pintassilgos, sabiás, canários... Os pombos, lá em casa, tinham dezenas de casinhas, pregadas, ao longo das paredes, nos muros – uma graça! Parece que ainda escuto minha mãe, chamando por eles, embaixo do coqueiro: “ti... ti... ti...” Recordo-a também, lavando o galinheiro, sozinha, embora tivesse, à sua disposição, alguns ajudantes domésticos. De lá, recendia, forte, um cheiro de penas, junto ao do sabão em pó, dissolvido nas águas, que minha mãe jogava, animadamente, no chão. Ao lado, ficava o pequeno quarto reservado para a dormida do gato e armazenagem de carvão.

Em nossa casa, cachorro e gato sempre viveram pacificamente, inclusive, respeitando a privacidade um do outro... O felino tinha sempre por nome “Pitote” e, durante o dia, após o almoço, costumava estirar-se, para a sesta, no coradouro, onde as roupas limpas eram colocadas por uma lavadeira. Encontrando este ocupado, ele saía, miando, dengosamente – como é peculiar aos gatos.

Eu apreciava a figura simpática do carvoeiro, todo sujinho, com as marcas do produto que vendia, em sacos. Vovó, do terraço, costumava chamar: “Maria Cármem, chegou o homem do carvão.”

Eu via e ouvia tudo, calada. Era uma garota observadora, pensativa, bonita. Em relação à beleza, só posteriormente, fui constatar o quanto esta me pesaria, sendo levada a não ter vaidade, evitando causar inveja, raiva, despeito, em mulheres fúteis...

Quando, aos 12 anos de idade, fui acometida por uma escoliose vertebral, meu pai, olhando-me, com seu bondoso, analítico, preocupado com a possível acentuação do mal, sentenciou: “ Deus deve ter lhe marcado com este problema, porque você era perfeita demais.” Nunca me esquecerei dessas palavras! Ora, no momento, ele, talvez, não antevisse quantos sofrimentos chegariam, aliados a este, ao longo da minha existência – principalmente,

após sua partida da terra, quando eu era ainda bem mocinha, quase uma adolescente. Se anteviu, calou.

Mas houve sempre as varandas, no sobradinho do terreno de nossa casa. Mesmo após o desaparecimento de entes queridos, quando portas e janelas se fecharam hermeticamente e um capim desordenado invadiu o lugar das rosas e muitos dos telhados da casa foram se espatifando ao chão e surgiram arranhaduras nas paredes marcadas pela intromissão do lodo... mesmo após todos esses estragos... mesmo assim... passados tantos anos... essas ‘varandas’, meio encantadas, com ares de contos-de-fadas, continuaram existindo em mim. E continuaram a existir. Resistem – não se sabe como – talvez, por milagre.

A avenida Almirante Barroso, onde ficava – e fica, mesmo em ruínas -, a minha casa-de-infância, onde tanto vou, adormecida ou através de recordações, trazia jambeiros enfileirados que, ao ficarem floridos, formavam espécies de tapetes vermelhos, no chão. Assim, podiam, um tanto magicamente, conduzir os transeuntes ao parque de bambus, próximo, que parecia guardar mistérios, silêncios, segredos.

‘Minhas varandas’ – se assim as posso chamar – eram ‘portos seguros’ de chegada e de saída para meus devaneios e quimeras; espécies de ‘mirantes’ que mais me aproximavam entre o céu azul ou das grandes gotas de chuva, enchendo as biqueiras da casa-térrea, caindo em profusão, sem intervalos.

As varandas ficavam, através da minha imaginação, em iluminado castelo, onde eu poderia ser encontrada por um homem verdadeiro, assim, com “H” maiúsculo, que preenchesse meus sonhos, escutasse minhas histórias, entendesse meus anseios, minha sensibilidade, meu romantismo, minha inclinação artística, Só que nem sempre as coisas acontecem da maneira sonhada, durante a infância e a puberdade.

Só que não ocorreu exatamente como sonhei e, mais tarde, projetei. Pois que... vieram outros sóis, outras chuvas, outros verões, outros invernos... outras estações... surgiram tempestades, extremos sufocos! Inexoravelmente, vieram tempos outros, épocas diversas, variadas surpresas (com ‘azuis’ e ‘cinzas’).

Passaram-se os anos! Quimeras se diluíram; águas cristalinas se esvaíram, sendo substituídas por escuros pântanos...

E as ‘varandas’? Estas... permaneceram. O sobrado continuou de pé, embora os espinhos, misturados às folhas secas, urtigas, tenham invadido o jardim, sim, aquele ‘jardim-antigo’, cultivado por minha mãe, cheio de rosas perfumadas, crótons multicoloridos, florzinhas do campo, arbustos, fícus e grama verdíssima. A casa-térrea, mesmo sem pétalas de rosas, o sobrado, mesmo coberto de lodo e rachaduras, resistiam (apesar de tudo), à passagem

dos anos... Nem me recordava mais quem os haviam adquirido, após o desaparecimento de minha mãe, ocorrido em 1980. Sabe-se bem que, abandonados, continuavam resistindo, com suas duas mágicas varandas.

A história dos meus ‘refúgios de menina’ é triste, mas não apaga a crença no Belo, na poesia, pois lembra que até as coisas inanimadas podem enfrentar o inexorável. Tornam-se presentes, em qualquer época, através de um dom, inerente ao ser humano: a capacidade para recordar, reviver locais, situações, transformando em poesia a mais cruel realidade, possibilitando uma espécie de ‘catarse’.

Afinal, o tempo é uma estrutura unitária. Adormecida ou desperta, posso voltar, ainda esperançosa, ao passado. A casa, o sobrado, as varandas, o jardim, a horta, as aves, os animais domésticos sempre serão personagens de uma história, onde tudo pode virar poesia. E quando tudo se transforma em poema – ou poema-em-prosa -, até um desabitado casebre de taipa torna-se belo. E o Belo é Arte, é Esperança, é Amor. Um amor abrangente, que eleva a criatura humana aos píncaros mais elevados de uma existência plena. Um amor que resiste ao tempo, à dor.

Acredito, pois, que as belas imagens de quando eu era menina saltarão aos meus olhos, como se, para mim, voassem as páginas coloridas de um conto-de-fadas. Mergulho fantasticamente, neste cromos e me torno a própria fada-mágica da narrativa, tal qual um ‘milagre’. O irreal torna-se real. A vida é uma sucessão de milagres, surpresas.

Da meninice, quero lembrar mais das “boas surpresas”. E, no presente, quero enfrentar o mundo da realidade, sabendo transcender os limites do palpável, captando os universos da arte, do afeto, da natureza, da nostalgia, do silêncio e, até, da solidão, do invisível-visível, como se tudo fosse possível.

Este mundo sem fronteiras, sem muros, sem limites, sem discriminações, imerso em poesia, pensamentos, sentimentos de compaixão, quero trazer para você, leitor-amigo, que me escuta, enquanto me lê, como num ato da mais empolgante paixão e da mais cândida empatia. Apesar de tudo, Apesar de tudo, é esta renovada crença que na humanidade que faz cada partícula do universo renascer.

Renasçamos...

ANEXO II

Capa e Contracapa da obra *Histórias e Mistérios*, de Mariana Soares



Fonte: dados da pesquisa/acervo pessoal da autora.